

# MATEMANIA, POESIA, MAGIA

## — A face oculta da Matemática

### Mathêma — Poiêsis — Mageia

Teresa Vergani (\*)

Inicialmente a *ciência*, a *criação* e a *arte* dos sacerdotes persas desvendadores dos astros, Matemática, Poesia e Magia conotam-se hoje, segundo os dicionários, por:

- «exactidão rigorosa» a espantosa impecabilidade da tautologia!
- inspiração, ligada ao «estado comovido da alma» que se comunica;
- encanto, fascínio, deslumbramento...

[Confesso que senti um grande mal-estar quando me pediram para abordar este tema. Primeiro, porque, quando não se sabe se a coisa vivenciada é Saber, Arte, Experiência referente a ideia ou letra, costumam-se pronunciar palavras vastas e estranhas, como Cultura (ou Pedagogia). Depois, porque seria preciso ser-se ao mesmo tempo matemático, poeta e mago para aflorar, com menor risco, tais conexões contundências. Mas como o medo acaba sempre por nos fazer saltar...]

Os fans da psicologia experimental tentariam talvez articular exaustivamente a permuta trijunctível, adverbando e adjetivando os conjugáveis («*assinale com uma cruz o que sente que convém*»), tipo:

- «matematicamente mágica a poesia»
- «magicamente poética a matemática»
- «poeticamente matemática a magia» (...)

(estranho: acabo de descobrir que a matemática é o único destes vocábulos que funde substantivo e adjetivo num só termo).

Ou então, «enfeitece a matemática de poesia» and so on — we won't bother about an end — porque indestrutível só o nada, já que o destroço ainda se pode destroçar.

Encontramo-nos diante de três prodigiosas palavras, por acaso todas elas femininas (*nota para os que se sen-*

*tem atraídos pelo inconsciente colectivo*). Três fenómenos antropológicos que permanecem três realidades actuais onde cintilam, com diferentes intensidades, misteriosos halos esotéricos.

Três enunciados de nudez, ou formas de prenhez. Outras tantas ocultas transparências, todas elas exigindo certos graus de iniciação ligados à especificidade da vocação que lhes é própria.

Curiosamente, são os epistemólogos das ciências os que mais falam sobre as Matemáticas. Os matemáticos parecem menos preocupados em justificar fundamentos do que em prosseguir silenciosamente o seu caminho: são gente acreditando provavelmente nas estrelas que guiam os magos ou em anjos da guarda que não dormem em serviço.

Também os detentores do discurso sobre a Poesia não são os poetas: estes limitam-se normalmente a deixarem-se atravessar pelo poema. São os críticos literários que costumam aguçar deliciosamente os dentes nestes tenros rebentos oferecidos, espriando-se por estas pastagens indefesas aos seus ávidos apetites verbais.

E da Magia quase não se fala, desfala-se, numa sociedade há muito ideologicamente apostada em a abolir.

Cada uma destas três espécies de certeza, ou de verdade, comporta a sua fé, as suas provas.

Partir da aceitabilidade da adequação entre o «objecto» e a «coisa» (que caracteriza a «verdade») é particularmente embaraçoso no caso da Matemática, onde os universos são operativamente habitados por entidades que resistem a um discernimento claro entre modelo e matéria.

O problema da representabilidade posto em termos de «objecto» mais «acontecimento» através da «estrutura», presta-se talvez melhor como núcleo de referência simultaneamente adaptável aos três domínios que nos ocupam.

Na Matemática *faz-se de conta* e dá certo. Consegue-se: acontece a solução no interior da matriz estruturante da regra.

Mais invenção do que descoberta neste denso jogo do rigor onde o modelo é a matéria, quaisquer que sejam as tendências empíricas, lúdicas ou sacrais que o tenham motivado.

A Matemática constrói, não necessariamente dependente da experiência exterior do real, o travejamento livre do sistema onde objecto e acontecimento se fundem sem ruído no decorrer do funcionamento mecânico axiomatizado pela instituição.

A prova é racionalmente demonstrável, o conflito inaceitável no espaço da teoria.

Neste sentido a Matemática é uma objectividade anónima universal, subjectivamente experimentável na acção conforme à norma. É um plural personalizável, esta liberdade da razão.

Por estranho que pareça, na Poesia *não se faz de conta*: a seriedade da analogia é a sua própria identificação.

Agora a prova não é deduzida, mas sentida, e nenhum conflito é proibido mas integrável no espaço do poema.

Aqui a evidência gera a regra e não a regra a evidência. Diria que o acontecimento estrutura o objecto e o consequimento é da ordem do apaziguamento, da revelação. A iluminação interior induz o modelo capaz de a comunicar e a regra nasce (à maneira dos homens) de dentro para fora. A poesia é assim mais descoberta do que invenção (tal como um filho não se inventa, descobre-se).

Neste sentido é uma singularidade subjectivamente colectiva. É um singular pluralizável, esta emoção presente e partilhada.

Enquanto a Matemática inventa o que não sabe e a Poesia sabe o que não inventou, a Magia faz acontecer o Desejável (ou sabe inventar o Fazível).

A secreta ponte (regra) que liga o objecto ao acontecimento situa-se para além de *intellectu* ou *psyché*: a solução é constatável na escandalosa evidência do prodígio.

Sortilégio que unifica, num espaço vital de dimensões mais extensas, as duas experiências anteriores: a de sermos nós a rasgar o véu (como na Matemática que interroga) e a de testemunharmos do véu que se rasga (como na Poesia em que nos deixamos interrogar).

Três formas de conhecimento, portanto de coerência. Três tipos de purificação, portanto de sedução. Uma graduação crescente de prazer/tensão nestas três alquimias do des-quotidiano operando por sinais.

Todas doem muito, alegram muito.

Na Matemática procura-se muito (criar o resolúvel: satisfação).

Na Poesia escuta-se muito (encontra-se o harmonizável: pacificação).

Na Magia quer-se muito (consegue-se o subjúvel: exultação).

A primeira explica (elabora); a segunda compreende (reconhece); a terceira maravilha (executa).

Lugares/altares onde respectivamente a prova serve de compreensão, a compreensão serve de prova, a prova transcende a compreensão.

Três codificações do Verbo, na abertura ao *lógos*, ao *mythos*, ao *Maior-do-que-nós*.

Tanto a Matemática como a Magia pronunciam o «não se pode» e o «implica», inerentes ao inexorável processo de encadeamento sucesso/regra/proibição. Mas na Magia a manifestação torna-se epifânica; a regra diz-se rito; e

a ascese é mais do que disciplina mental, é sacrificial. Agindo através de sinais eficazes do Dom que realizam o que simbolicamente anunciam, tende ao arrebatamento do sacral.

Na Matemática, a ordem é simplesmente «ordenação» (imponho-a e submeto-me ao que ordenei). Na Magia, a Ordem é Mando (posso porque obedeco, na medida em que sei suscitar a vulnerabilidade do In-Nomeável face à minha solicitação). Deste ponto de vista, a Poesia é um «desmando»: a des-ordem é momentaneamente organizável e a metáfora incarna-se (articula-se) sob o impacto irrepitível da instituição. Sendo agora a ascese atenção do espírito, na Poesia a única proibição parece ser a opacidade. A clivagem entre Poesia e Magia dá-se justamente onde se dissociam «fantástico» e «fantasia».

Se a paranóia é a obsessão exacerbada da coerência e a esquizofrenia a agudização incontrolada dos contrários, a Poesia parece emergir como possível serena charneira de «terapia» entre a Matemática e a magia, isto é, entre o excesso de defeito e o defeito do excesso.

E, se as pulsões cognitivas se nutrem de ignorados arquétipos humanos veiculando ansiedades vitais por resolver, cumpre-se um círculo por tangência dos extremos na rigorosa-generosa-fabulosa sequência Matemática-Poesia-Magia. Pensamento, imaginação, loucura, coagulando o que há de estética na razão, de inteligível na emoção, de êxtase no protento.

Tem «poderes» aquele que adivinha; integra, apaga, quebra, une, cura. Instruídos, induzidos, seduzidos a três níveis do a-prender (a-poder), somos presos por aquilo que ousámos prender, possuindo e possuídos.

O IN-CANTAMENTO consiste no que ontologicamente sobeja entre a natureza do apelo que lançamos e a natureza da resposta que obtemos.

O mesmo movimento que fez com que a arte seja o que nos resta do transe e a criatividade o que nos restará da arte, tenderá a limitar a magia à poesia e ameaça reduzir a poesia à informática.

Habitados como estamos à espantosa ambiguidade salvífica das palavras, imaginemos uma intersecção em que intervenha uma translação centrípeta dos centros, num processo que acrescenta a cada passo uma nova dimensão à(s) anterior(es). Assim como pensar vôo/asa/ovo. Ou ainda (dispensando o «assim como está para», permitindo o «vice-versa» e lembrando o poeta que disse «*então jogo fértil amor seria*»), pronunciemos a sequência jogo/cópula/comunhão. Eis-nos num reino em que a semente da semente da semente produz, a cada ruptura cíclica de germinação, uma mudança de estado — um *ékstasis* — numa mesma continuidade de «*respiração*».

Matemática/Poesia/Magia seriam então três idades (consciências) da mesma substancial postura humana sabendo oferecer o pão ao sal e a boca ao pão.

\* Teresa Vergani nasceu em Lisboa, onde se licenciou em Ciências Matemáticas em 1969. Prosseguiu os seus estudos em Pedagogia da Matemática e em Ciências da Educação em Bruxelas e Genebra, onde se doutorou.